

SEMÂNTICA FORMAL versus PRAGMÁTICA¹

Ana Lúcia de PAULAMÜLLER² (Universidade Federal do Paraná)

ABSTRACT: Can our ever-changing world be studied as if there was something constant to it? Can the study of natural language make use of logical-deductive systems? This is somehow the nature of the debate between the new pragmatics and formal semantics. This article argues that from the pragmatic character of natural language one may not infer that the use of a logically based formalism is necessarily unfit for Linguistics.

A velha polêmica entre posições filosóficas que vêem o mundo enquanto *processo* e posições que o vêem enquanto *objeto* (Piattelli-Palmarini 1979) vem se reascendendo dentro da Lingüística atual, agora na área que se dedica ao estudo do significado. Trata-se de uma polêmica entre os defensores de uma *semântica formal* e de uma nova *pragmática* ("radicalmente radical").

A *semântica formal* é aqui compreendida como um ramo da Lingüística que se dedica ao estudo do significado nas línguas naturais utilizando-se de todo um aparato desenvolvido pela lógica formal. A construção deste aparato baseia-se nos seguintes pontos: (i) O significado é entendido como uma relação entre a linguagem e o mundo, relação esta feita através do conceito de verdade. ' Δ significa p ' seria equivalente a ' Δ é verdadeira se e somente se p ';³ i.e., assume-se uma semântica de valor de verdade. (ii) A estrutura formal e o significado de expressões lingüísticas - sua sintaxe e

sua semântica - são construídas conjuntamente, através das mesmas etapas e de operações paralelas, ao que se chama de homomorfismo entre sintaxe e semântica. (iii) Esta teoria semântica vai construir modelos sobre as entidades fundamentais existentes no mundo e de suas categorias sintáticas, o que é chamado de semântica de modelo teórico. (iv) Estes modelos referir-se-ão não apenas a nosso mundo real e presente, mas a mundos que existiram ou que poderão vir a existir, ou simplesmente a mundos que somos capazes de imaginar; trabalha-se então com uma semântica de mundos possíveis. Mas particularmente tomarei como parâmetros para esta discussão as semânticas elaboradas pelo filósofo David Lewis (Lewis 1983) e pelo lógico Richard Montague (Montague 1979).

Esta semântica restringe-se ao sentido literal das sentenças. Sua plausibilidade depende, além disso, da existência de significados primitivos a partir dos quais os significados de expressões mais complexas se compoem recursivamente e da existência de um conceito operacional de verdade (cf. Tarski 1972).

Num outro extremo está a nova proposta pragmática que insiste que a linguagem é um sistema aberto, dependente do contexto, contínuo e indutivo/abduutivo,⁴ contrastando qualitativamente com qualquer sistema lógico-dedutivo com suas características de fechamento, independência de contexto e descontinuidade. As características intrínsecas a ambos os sistemas condenariam aprioristicamente qualquer estudo que visse a língua natural como um sistema lógico-dedutivo (Givón 1982).

Junto a essa visão dinâmica da linguagem vem a negação da existência de um sentido literal absoluto e a afirmação de que o sentido literal é algo formado pelo que poderíamos chamar de 'contrato social' entre os falantes, contrato este, feito e refeito a cada texto e em cada novo contexto, podendo inclusive ser modificado durante a dinâmica de uma interação lingüística. A posição mais radical entre os defensores de que a linguagem humana só pode ser compreendida através de um enfoque

pragmático, retira do falante/autor qualquer controle sobre seu discurso/texto e coloca este controle na comunidade ouvinte/intérprete que juntamente com o contexto, sua cultura, sua história, determinarão univocamente o significado de qualquer discurso ou texto. Não há qualquer possibilidade de recuperação do 'querer dizer' do falante-autor, pois o que é literal é o contexto, não a linguagem.

Antes de iniciar a discussão sobre a validade de ambas as posições, gostaria de tentar esclarecer a relação entre as linguagens construídas pela lógica e a língua natural. As linguagens lógicas, a meu ver, estão para a língua natural assim como a Matemática estaria para a Física ou para outras ciências. Ambas fornecem um instrumental mais rigoroso para a elaboração e testagem de modelos. São, no entanto, independentes das ciências a que servem, podendo inclusive antecipar-se ou retardar-se a estas em certos resultados. Não podem ser confundidas com o objeto de estudo em si, ou seja, as linguagens lógicas não são a língua natural, assim como a Matemática não é a 'Natureza'. É descabida, portanto, a crítica de não serem semelhantes aos objetos aos quais se aplicam, de não serem imagens perfeitas destes.

Tanto posições de horror ao instrumental lógico-matemático, quanto as que o mistificam vendo nele a resposta para todas nossas indagações, são valorativas e não fazem sentido enquanto avaliação de sua utilidade para a Lingüística.

A caracterização que faz a posição pragmática da linguagem como parte do sistema cognitivo humano e conseqüentemente como um sistema de natureza essencialmente pragmática que constantemente se adapta a novos contextos, é incontestável. Neste sentido qualquer conhecimento humano, científico ou não, se enquadraria nesta descrição como:

... *creative framing and reframing* through which portions of experience - those which are

repetitivē, recurrent, predictable and routine - are made into background or "frame", and thus *held constant* just long enough to produce the illusion of a stable, coherent, picture.

(Givón 1982: 128).

A realidade é, possivelmente, multifacetária, diferente e única a cada momento, desordenada e irregular (Nietzsche 1974: 43-50) e a linguagem humana, enquanto objeto de estudo e objeto que ao mesmo tempo "se estuda", reflete isto com uma agudeza extrema. Da pragmaticidade de nossos "frames", no entanto, não decorre a impossibilidade de se utilizar um aparato lógico-dedutivo para nos ajudar na compreensão de pelo menos parte de nosso objeto de estudo. Ao nos utilizarmos de um sistema lógico-dedutivo para criar uma imagem de nosso objeto estamos necessariamente nos afastando dele - estamos criando uma abstração, um modelo de realidade. A construção de um modelo não deve ser confundida com a elaboração de uma *teoria* que é uma tentativa de explicação da realidade. Um modelo é como um retrato simplificado do fenômeno que desejamos estudar, o qual tenta por a nu, certas estruturas e mecanismos - não tenta explicar porque o fenômeno é como é (Givón 1979).

Portanto, a questão da abstração em si não deveria assustar a um cientista, pois uma simplificação e uma idealização da realidade é quase que inevitável quando esta se torna nosso objeto de estudo. De que nos adiantaria uma explicação da realidade que fosse tão complexa quanto a mesma?

Conta-nos o escritor argentino Jorge Luis Borges (Borges 1974):

DEL RIGOR EN LA CIENCIA

... En aquel Imperio, el arte de la Cartografía logró tal Perfección que el mapa de una solo Provincia ocupaba toda una Ciudad, y el mapa del Imperio, toda una Provincia. Con el tiempo, esos Mapas desmesurados no satisficieron y los

Colegios de Cartógrafos levantaram un Mapa del Imperio que tenía el tamaño del Imperio y coincidía puntualmente con él. Menos Adictas al Estudio de la Cartografía, las Generaciones Sigüientes entendieron que ese dilatado Mapa era Inútil y no sin Impiedad lo entregaron a las Inclemencias del Sol y de los Inviernos. En los desiertos del Oeste perduran despedazadas Ruínas del Mapa, habitadas por Animales y por Mendigos; en todo el País no hay otra reliquia de las Disciplinas Geográficas. (Suárez Miranda: VIAJES DE VARONES PRUDENTES, LIBRO CUARTO, CAP. XLV, LÉRIDA, 1658).

Aproveito a metáfora de Borges para perguntar: De que nos serviria um retrato 1 x 1 da realidade?

O problema não é, então a abstração, a criação de um objeto que não é idêntico a seu original. Uma linguagem construída artificialmente nunca será idêntica à linguagem natural, será apenas um modelo mais ou menos adequado desta, ou de alguns de seus aspectos. O perigo e/ou o problema é o cientista esquecer que está trabalhando com uma aproximação, e cair prisioneiro da ficção que ele mesmo criou, passando a tomar esta abstração como o objeto em si.

Esta confusão teoria/modelo/realidade, parece acontecer muitas vezes dentro da Lingüística atual, onde há um superdimensionamento do modelo que passa a ser tomado como explicação (teoria) e não como descrição e generalização. Ao mesmo tempo é o modelo que determina quais os dados relevantes, sendo estes, evidentemente, apenas aqueles que a ele se adaptam; havendo, portanto, chances razoáveis de se cair em implicações circulares.

Neste sentido a corrente pragmática tem razão ao insistir no caráter dinâmico, aberto e contextual da língua natural, pois modelos abstratos que passam a possuir uma existência em si, desligando-se de seu objeto de estudo e de uma compreensão mais abrangente deste, tornam-se estereis.

Uma teoria mais completa da língua natural seria possivelmente uma teoria relativística, que levasse em conta a participação e a influência que o falante (o observador) tem dentro do próprio fenômeno e a capacidade de que este falante - observador possui de se observar também enquanto objeto:

... the concept of 'knowledge' in language involves *inclusion* of the known in the knower. (Givón 1982: 129).

Uma teoria que desse conta destes fatos seria extremamente complexa, mas não necessariamente impossível. A evolução da Física de teorias nas quais o espaço e o tempo são coordenadas independentes e constantes em relação a qualquer observador e fenômeno, (como por exemplo, a Mecânica Newtoniana), passando pela Relatividade Geral que faz o fenômeno observado depender da posição espaço-temporal do observador e chegando à Mecânica Quântica na qual os fenômenos não só dependem da posição espaço-temporal do observador como este pode criar e/ou influenciar fenômenos, mostra que este caminho é possível.

Isto não deve implicar, no entanto, numa banalização da Teoria da Relatividade, num "tudo é relativo", segundo o qual qualquer teoria e/ou modelo de um fenômeno é possível à ciência. A verdade é, certamente, um conceito relativo a um "frame" que construímos da realidade, mas *ao mesmo tempo em que existem mil maneiras possíveis de se recortar o mundo, existem outras mil pelas quais este não pode ser recortado.*

Posso organizar os livros de uma biblioteca pelo nome do autor, assunto, título, ou mesmo de maneiras pouco convencionais como cor da capa, peso, idade, número de páginas, e assim por diante. Mas não posso organizá-los segundo sua velocidade, sua comida favorita, seu número quântico principal, o tamanho de suas pernas, etc.

Outro aspecto que deve ser considerado quando se debate a adequação de teorias é o de que uma teoria é

de certa maneira "calibrada" à dimensão do fenômeno que deseja explicar. A utilização de fórmulas relativísticas para o estudo da velocidade de um ser humano ou de um carro é desnecessária, pois nesta dimensão suas fórmulas se reduzem à Mecânica Newtoniana. Quanto à língua natural, apesar de sua dinamicidade, não podemos, a priori, descartar a possibilidade de que certos aspectos desta possam ser estudados de uma maneira "newtoniana", i.é., sem levar em conta o falante - observador.

A argumentação desenvolvida até aqui com certeza não demonstra as vantagens da semântica formal em relação a outros modos possíveis de se estudar a linguagem. Trata-se apenas de mostrar que muitos dos argumentos contra ela levantados não são pertinentes. É evidente também que as idéias aqui apresentadas fazem parte de uma visão, de um "frame" particular do mundo, e que as verdades aqui afirmadas são possivelmente restritas a este "frame". Esta limitação parece-me inerente a qualquer tipo de argumentação, seja ela científica ou não.

Vejam agora em mais detalhe algumas das argumentações que são levantadas contra o "approach" da semântica formal à questão do significado:

(a) Para o Wittgenstein das Investigações Filosóficas a tentativa de se compreender as línguas naturais a partir das linguagens lógicas é tão vã quanto seria a tentativa de uma mosca presa dentro de uma garrafa de tentar levantá-la. Em outras palavras, nossa percepção estaria de tal maneira envolvida pela linguagem que seria impossível estudá-la como um fenômeno a parte.

A mesma questão nos é colocada formalmente pelo paradoxo de Russel (Russel 1978) e pode ser traduzida informalmente pelo seguinte exemplo:

Dá-se a uma pessoa um pedaço de papel em que esteja escrito: "A afirmação existente no verso deste papel é falsa". A pessoa vira o papel e lê no verso: "A afirmação existente no verso deste papel é falsa" (Russel 1978, XVI). A conclusão é a de que uma linguagem

não pode explicar consistentemente a si mesma, precisando para isto recorrer a uma metalinguagem mais poderosa (Tarski 1972). Como inexistente uma metalinguagem mais abrangente que a linguagem natural, qualquer tentativa de explicá-la através de linguagens formais estaria fadada ao fracasso.

Penso que a metáfora valeria também para um cientista tentando explicar o universo ou o sistema cognitivo humano. Qualquer teoria elaborada pelo ser humano envolverá, em maior ou menor grau, o paradoxo de que quem explica faz parte do fenômeno a ser explicado.

(b) A negação de que exista uma essência que definiria os objetos e/ou as palavras e expressões de maneira não ambígua. Os vários usos de uma mesma expressão linguística estariam ligados entre si apenas por "semelhanças de família" (Wittgenstein 1978) e não por um significado primitivo e/ou essencial.

A questão da existência ou não de uma essência própria aos objetos do mundo é filosoficamente complexa e talvez até insolúvel. Adotar uma ou outra posição é muitas vezes questão de fé ou gosto pessoal. Sua solução, entretanto, não é relevante para a presente discussão, pois a semântica formal ainda poderia trabalhar com a noção de primitivos ou de significado literal como uma aproximação:

(i) "fazendo de conta" que existe uma essência; o que implicaria em considerar os traços mais estáveis da linguagem como provisoriamente constantes; e/ou

(ii) estudando partes da língua natural que independam desta noção; i.e., questões sobre sua estrutura interna; ou até,

(iii) criando uma teoria probabilística do significado, levando em consideração traços prototípicos dentro de uma certa escala percentual.

NOTAS

1. Este artigo resulta de um trabalho elaborado para o professor Kanavillil Rajagopalan durante o Curso Semântico-pragmática" ofertado no IX Instituto Brasileiro de Linguística (Curitiba, fevereiro de 1987). Agradeço ao professor Rajagopalan pela discussão de várias das questões aqui levantadas. Agradeço também a José Borges Neto pela leitura e discussão prévias deste artigo.
2. Mestranda com bolsa do CNPq.
3. Por 's' entende-se o que convencionalmente se chama de sentença na linguagem-objeto (a língua estudada) e por 'p', as condições de verdade de 's' expressas numa metalinguagem (c.f. Tarski 1972).
4. Um sistema indutivo parte do particular para chegar ao universal e um sistema abduutivo deriva hipóteses explanatórias de um conjunto finito de fatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, J. L. (1974). *Obras completas*, Buenos Aires: Emecé Editores p. 847 (o conto é parte do texto MUSEO do livro El Hacedor, de 1960).
- FISH, S. (1980). *Is there a text in this class? The Authority of Interpretative Communities*. Cambridge: Harvard University Press.
- GIVÓN, T. (1979). *On Understanding Grammar*. N. York: Academic Press.
- GIVÓN, T. (1982). "Logic vs. Pragmatics, with human language as the referee: toward an empirically viable epistemology". *Journal of Pragmatics*, 6:81-133.
- LEWIS, D. "General Semantics". In: LEWIS, D. (1983). *Philosophical Papers*. New York and Oxford: University Press.
- MONTAGUE, R. (1979). *Formal Philosophy*. New Haven and London: Yale University Press.

- NIETZSCHE, F.W. (1978). "Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral". In: F.W. Nietzsche. *Obras Incompletas*. Col. Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 43-50.
- PIATELLI-PALMARINI, N. (1979) (org.) *Théories du Langages Théories de l'Apprentissage*. Paris: Seuil.
- RUSSEL, B. (1978). *Vida e Obra*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, V-XX.
- TARSKI, A. (1972). *La Concepción Semántica de la Verdad y los Fundamentos de la Semántica*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- WITTGENSTEIN, L. (1979). *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural.